

ELEIÇÕES

Flávio monta palanques no Rio, em SC e no DF

Com as bênçãos do pai e do partido, pré-candidato prioriza políticos bolsonaristas

» WAL LIMA

O Partido Liberal (PL) começou as negociações pré-eleitorais com indicação de nomes para as disputas majoritárias em todo o país. As articulações estão sendo comandadas pelo senador e pré-candidato à Presidência da República, Flávio Bolsonaro (RJ), juntamente com outras lideranças que, segundo ele, incluem a ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro e o presidente nacional do PL, Valdemar Costa Neto. Ontem, a sigla definiu o cenário em Santa Catarina com o anúncio de uma chapa puro-sangue.

No Rio de Janeiro, para enfrentar o favorito das pesquisas — o atual prefeito do Rio, Eduardo Paes (PSD) —, o desenho da direita está praticamente fechado. O deputado Douglas Ruas (PL) foi escolhido como pré-candidato ao governo estadual, tendo como possível vice o prefeito de Nova Iguaçu, Rogério Lisboa (PP). Para o Senado, a articulação contempla o governador Cláudio Castro (PL) e o prefeito de Belford Roxo, Márcio Canella (União). A avaliação interna é de que a composição ajuda a unificar a base bolsonarista no estado.

No Distrito Federal, a estratégia é apostar em dois nomes de peso da legenda para o Senado. A construção em curso envolve a deputada Bia Kicis e a ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro. Integrantes do PL avaliam que a dobradinha reforça o eleitorado conservador na capital e mantém o protagonismo do partido em uma das principais vitrines políticas do país. Não há, porém, definição dos nomes para a disputa do GDF.

“Com relação ao apoio ao governo (do DF), a gente tem de conversar mais. A Michelle tem conversa muito com a atual (vice-) governadora (Celina Leão). Um passo de cada vez”, disse Flávio, em entrevista coletiva, ontem, na saída da Papudinha. Flávio Bolsonaro visitou o pai na unidade prisional e renovou,

Divulgação PL



A chapa da direita no Rio: Márcio Canella, Cláudio Castro, Flávio Bolsonaro, Douglas Ruas e Rogério Lisboa

ao sair, o apelo para que ele receba o benefício da prisão domiciliar.

Esperidião rifado

Depois do imbróglie envolvendo a composição com o PP, que apoia a reeleição do senador Esperidião Amin, o PL decidiu indicar a deputada Carol De Toni e o vereador do Rio de Janeiro Carlos Bolsonaro para a disputa ao Senado. Em entrevista, Flávio Bolsonaro revelou que conversou com Amin, na última terça-feira, e que a decisão tomada pela sigla atende aos critérios do que defende ser “melhor para o estado”. “A escolha da Carol e do Carlos foi vista como uma pontapé importante para esse novo caminho que a direita tem dito de ter um Senado mais conservador”, disse o senador, após elogiar os dois pré-candidatos.

A disputa no campo da direita pelas duas vagas ao Senado em

Santa Catarina foi marcada pelo anúncio da pré-candidatura de Carlos Bolsonaro, que trocou domicílio eleitoral para o estado do Sul. O presidente da sigla, Valdemar Costa Neto, havia, inclusive, anunciado que Caroline não disputaria a vaga, o que motivou uma mobilização de outros partidos para “acolhê-la” em sua pré-candidatura. A ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro é uma das mais vigorosas apoiadoras de Carol.

Ontem, porém, ao comentar qual teria sido o fator decisivo para manter a deputada na disputa majoritária, Valdemar disse que nunca teve a intenção de “descartá-la” como pré-candidata ao pleito, mas, que preferiria vê-la como candidata à vice-governadora. “Eu tinha outros planos, queria que ela fosse vice do Jorginho. Tinha pensado nisso pelo fato de ela ter sido mãe recentemente. Pensei que seria melhor

para ela esse cenário, mas respeitamos a decisão de querer o Senado e entendemos que o público dela também anseia por isso”, comentou Valdemar.

Carol De Toni chegou a receber convite do Partido Novo para se filiar e disputar a vaga ao Senado caso o PL não mudasse de posicionamento, chegando a contar com o apoio do presidente da sigla, Eduardo Ribeiro, que disse que o partido “estava pronto para recebê-la”. A jornalistas, a parlamentar agradeceu o apoio recebido e enalteceu Michelle Bolsonaro, que, segundo ela, só não participou da reunião em decorrência à visita dela ao ex-presidente Jair Bolsonaro, na tarde de ontem.

“Quero agradecer a todos e pela confiança do nosso governador Jorginho Mello, por estarmos juntos este ano em prol de Santa Catarina. Estou muito feliz e permanecerei no PL”, disse a deputada.

Políticos na mira da PF

» AMANDA S. FEITOZA

A Polícia Federal dellagrou, ontem, a Operação Vassalos, que apura suspeitas de desvio de recursos de emendas parlamentares. Foram expedidos pelo Supremo Tribunal Federal (STF) 42 mandados de busca e apreensão em Pernambuco, na Bahia, em São Paulo, em Goiás e no Distrito Federal. Entre os alvos estão o ex-senador Fernando Bezerra Coelho (MDB-PE) e dois filhos dele — o ex-prefeito de Petrolina Miguel Coelho e o deputado federal Fernando Filho (União-PE).

A investigação aponta para a existência de um grupo formado por agentes públicos e empresários suspeitos de direcionar licitações para beneficiar uma empresa ligada ao esquema. De acordo com a Polícia Federal, parte dos recursos teria sido destinada ao pagamento de vantagens indevidas e à ocultação de patrimônio. Os investigados são suspeitos de crimes como frustração do caráter competitivo de licitação, fraude em contratos, peculato, corrupção, lavagem de dinheiro e organização criminosa.

As suspeitas envolvem emendas destinadas ao município de Petrolina (714km de Recife), berço político da família Bezerra Coelho e que foi governada por Miguel Coelho de 2017 a 2022. A família Bezerra tem negócios na região.

A defesa do ex-senador Fernando Bezerra Coelho e do deputado federal Fernando Bezerra Coelho Filho informou que não teve acesso à decisão do ministro do STF Flávio Dino, que autorizou a operação dellagrada pela Polícia Federal. “Os mandados vieram desacompanhados dos motivos que ensejaram as medidas cautelares. Após o acesso aos autos, a defesa irá se manifestar”, declarou o advogado André Callegari.

NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



Luizazedo.df@dabr.com.br



Lula perde favoritismo e Flávio consolida candidatura

A pesquisa Atlas/Bloomberg, divulgada nesta quarta-feira (25), confirma aquilo que já vinha se desenhando nos levantamentos mais recentes: a eleição presidencial de 2026 está aberta, o favoritismo de Luiz Inácio Lula da Silva deixou de ser confortável e Flávio Bolsonaro consolida-se como o polo da direita na disputa, cristalizando novamente uma polarização dura, de alta rejeição dos dois lados.

Os números falam por si. No principal cenário testado, Lula aparece com 45% das intenções de voto, contra 37,9% de Flávio. O importante é o movimento: em relação à rodada anterior, Lula perdeu 3,8 pontos percentuais, enquanto Flávio cresceu 2,9. No segundo turno, Flávio Bolsonaro alcança 46,3% das intenções de voto, e Lula registra 46,2%, dentro da margem de erro de um ponto percentual. Em comparação ao levantamento anterior, o presidente recuou três pontos, enquanto o senador avançou 1,4 ponto.

Trata-se de uma inflexão relevante, sobretudo porque ocorre em um momento em que o governo ainda colhe indicadores econômicos menos negativos e mantém políticas populares, como a isenção do Imposto de Renda até R\$ 5 mil e a proposta de redução da jornada de trabalho. A oposição já sentiu o cheiro de animal ferido na floresta: Lula segue liderando, mas já não transmite a sensação de vitória antecipada. O “prêmio de incumbência”, isto é, a expectativa natural de poder associada ao exercício da Presidência, começa a se dissipar. A eleição deixa de ser percebida como um referendo confortável sobre o governo e passa a ser vista como uma disputa real, competitiva, em que cada erro de comunicação, cada tropeço simbólico e cada ruído institucional contam muito.

Os cenários alternativos reforçam essa percepção. Em três simulações diferentes contra Flávio Bolsonaro, Lula oscila entre 45% e 45,3%, enquanto o senador varia entre 39,1% e 39,5%. A distância permanece, mas é estável e estreita, dentro de um ambiente de polarização máxima. Já no cenário em que entra Tarcísio de Freitas, Lula cai para 43,3%, e o governador paulista aparece com 36,2%, acompanhado de um crescimento expressivo de Romeu Zema. Esse quadro indica que a direita, quando consegue apresentar nomes competitivos, reduz ainda mais a margem do presidente.

O quinto cenário, no qual Lula amplia a vantagem para 47,1% contra 33,1% de Flávio, mostra que a base lulista permanece sólida, graças à “economia do afeto”, mas também revela a volatilidade do eleitorado intermediário, aquele que decide eleições apertadas, refratário à “cultura de rechaço” do PT. No sexto cenário, com a substituição de Lula, Haddad aparece com 39,1%, tecnicamente empatado com Flávio, que marca 37,1%. Esse empate revela que Haddad se tornou eleitoralmente viável, algo impensável poucos anos atrás; e mostra que Lula continua sendo o grande fiador eleitoral do campo governista. Sem ele, a disputa fica ainda mais imprevisível.

“Nós com nós”

Flávio Bolsonaro alcançou seu objetivo central: herdou o antipetismo, bloqueou o surgimento de uma terceira via robusta e se tornou o nome natural da direita. É impressionante a sua capacidade de “absunção” do capital eleitoral do governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas. Mesmo sem o carisma do pai, o sobrenome, o apoio do núcleo duro bolsonarista e a convergência quase automática da direita não lulista em torno de sua candidatura fazem de sua candidatura a expressão de um movimento orgânico na sociedade.

A pesquisa mostra também que governadores como Caiado, Zema, Ratinho Júnior ou Eduardo Leite terão que comer muito feijão com arroz para saírem da condição periférica no primeiro turno, incapazes, até aqui, de romper a lógica binária. Nesse escalão, destaca-se a resiliência do governador de Goiás, Ronaldo Caiado (PSD), que tem mais gana de ser candidato do que os governadores do Paraná, Ratinho Jr, e do Rio Grande do Sul, Eduardo Leite, apesar das simpatias da Faria Lima e dos que sonham com a “terceira via”.

Lula continua competitivo, lidera todos os cenários e dispõe da máquina federal, de políticas públicas populares e de uma economia que dá sinais de melhora marginal. Mas está entrando numa faixa muito perigosa, que pode lhe custar a aura de invencibilidade natural em quem concorre à reeleição. De agora em diante, cada gesto passa a ser escrutinado. O PT precisa tirar o boizinho da sombra e ir à luta, buscar mais protagonismo no Congresso e tecer alianças amplas nos estados.

Em um país dividido quase ao meio, como indicam reiteradamente as pesquisas, a vitória em 2026 dependerá menos de ampliar bases já consolidadas e mais da capacidade de dialogar com um eleitorado cético, volátil e cansado da política. Nesse contexto, não há margem para erros nem para soberba. Episódios do tipo “nós com nós”, como desfile da Acadêmicos de Niterói, por exemplo, que mexeram com a autoestima de Lula e seu partido, e ao mesmo tempo seguiram a lógica da narrativa do “nós contra eles”, têm o outro lado da moeda: não ampliam a base política e dão munição aos adversários.